

O Progresso do Amor

Recebi uma chamada no emprego, era o meu pai. Foi pouco depois de me ter divorciado e ter começado a trabalhar no escritório da imobiliária. Os meus rapazes estavam ambos na escola. Foi em Setembro, num dia ainda quente.

O meu pai era sempre muito cortês, mesmo com a família. Não deixou de me perguntar como é que eu estava. Maneiras de gente do campo. Mesmo que telefonem para avisar que temos a casa a arder, primeiro perguntam como é que estamos.

“Tudo bem”, disse eu. “E o pai, como vai?”

“Não muito bem, acho eu”, respondeu o meu pai, no seu tom característico — de desculpa mas denotando também respeito por si próprio. “Acho que a tua mãe partiu.”

Eu sabia que ‘partiu’ queria dizer ‘morreu’. Estava ciente disso. Mas, por um segundo, imaginei a minha mãe a descer a rua, de chapéu preto na cabeça. Ao dizer ‘partiu’, o meu pai parecia não experimentar mais do que um profundo alívio, e mesmo uma nota de excitação — a excitação de quando uma porta se fecha e a nossa casa volta ao normal e nos entregamos a todo aquele espaço livre. Foi isso que senti na voz do meu pai, e também — por trás do tom de desculpa — um ruído como de respiração contida. Mas a minha mãe não havia sido um fardo para ele — nunca esteve doente — e a sua morte foi tudo menos um alívio, custou-lhe imenso. Nunca se habitou a viver sozinho, dizia ele. E foi de boa vontade que se mudou para o Lar de Idosos do condado de Netterfield.

Ele contou-me como encontrou a minha mãe no sofá da cozinha ao chegar a casa, ao meio-dia. Ela tinha apanhado alguns tomates e estava a pô-los no peitoril da janela para amadurecerem; deve ter-se sen-

tido fraca e deitou-se no sofá. Agora, ao contar isto, a voz do meu pai tremia — hesitante, como seria de esperar — de estupefacção. Eu vi mentalmente o sofá, com a velha colcha que o protegia, por baixo do telefone na parede.

“De modo que achei melhor telefonar-te”, disse o meu pai, e ficou à espera de que eu lhe dissesse o que achava que devia fazer agora.

A minha mãe rezava de joelhos ao meio-dia, à noite, e de manhã ao acordar. Para ela, todos os dias eram dedicados a cumprir a vontade de Deus. À noite recapitulava sempre o que havia feito, dito e pensado, para verificar em que medida se harmonizava com a Sua vontade. As pessoas tendem a achar monótona uma vida assim, mas isso é porque o seu sentido lhes escapa. Na verdade, uma vida dessas nunca pode ser aborrecida. Nada do que nos acontece é sem proveito. Mesmo que vivamos atormentados por problemas, que sejamos doentes e pobres e feios, temos uma alma para carregar vida fora como um tesouro numa salva. Quando subia ao andar de cima para rezar, a seguir ao almoço, a minha mãe parecia cheia de energia e de expectativa, com um sorriso pensativo nos lábios.

Ela tinha sido salva aos catorze anos, num acampamento religioso. Isso deu-se no mesmo Verão em que a mãe dela — minha avó — morreu. Durante alguns anos, a minha mãe frequentou reuniões com outras pessoas cujas almas também haviam sido salvas, algumas das quais repetidamente ao longo da vida, velhos pecadores entusiásticos. Às vezes ela contava o que se passava nesses encontros, os cânticos, os gritos fervorosos. Uma vez falou de um homem que se levantou e gritou: “Desce, Senhor. Desce para o meio de nós agora mesmo! Atravessa o telhado, que eu pago o concerto!”

Na altura em que casou, ela tinha voltado à fé anglicana, mas de uma forma empenhada. Tinha então vinte e cinco anos, e o meu pai trinta e oito. Eram ambos altos e bem-parecidos, bons dançarinos, bons jogadores de cartas, sociáveis. Mas pessoas sérias — é assim que eu os definiria. Com um tipo de seriedade que hoje em dia raramente se encontra. O meu pai não era religioso no sentido em que a minha mãe o era. Era anglicano, um orangista, um conservador, porque assim fora educado. Ele foi o filho que ficou na quinta para tomar conta dos pais até à morte destes. Conheceu a minha mãe, esperou por ela, casaram; considerou-se então um felizardo por ter uma família para quem trabalhar. (Eu tenho dois irmãos, e tive uma irmãzinha mais

nova que morreu.) Suponho que o meu pai nunca dormiu com mulher nenhuma antes de conhecer a minha mãe; e mesmo com ela, só depois de casados. E teve de esperar, pois a minha mãe não quis casar enquanto não pagasse ao pai tudo o que ele gastara com ela desde a morte da sua mãe. Manteve um registo de todas as despesas — livros, alojamento, roupas — a fim de lhas pagar. Quando casou, e ao contrário das suas colegas professoras, ela não tinha qualquer pé-de-meia, nem enxoval, não tinha pratos nem lençóis. O meu pai costumava dizer, com uma expressão de melancolia irónica, que julgara ir casar com uma mulher com dinheiro no banco. “Mas quem quer uma mulher com dinheiro, tem de lhe aguentar também as manias”, dizia ele, “e às vezes não compensa.”

A casa em que vivíamos tinha umas divisões espaçosas, de tectos altos, com estores verde-escuros nas janelas. Quando os estores estavam descidos, eu gostava de mover a cabeça e capturar a luz que atravessava as frinchas. Outra coisa de que gostava era observar as manchas na chaminé, antigas ou recentes, e de as converter em animais, rostos de pessoas ou mesmo cidades distantes. Uma vez contei isso aos meus dois rapazes e o pai deles, Dan Casey, disse: “Estão a ver, a família da vossa mãe era tão pobre que nem uma televisão podia comprar, de maneira que arranjavam aquelas manchas no tecto — e em vez de ver televisão, viam as manchas!” Ele sempre gostou de me ridiculizar por eu dar valor à pobreza.

Quando o meu pai chegou a uma idade muito avançada, percebi que não o incomodava propriamente que as pessoas fizessem coisas novas — por exemplo, o facto de eu me divorciar —, mas sim que aduzissem novos motivos para as fazer.

Ainda bem que ele nunca chegou a saber da comunidade.

“Não é essa a vontade de Deus”, costumava ele dizer. No lar de idosos, à conversa com outros pensionistas, no longo alpendre sombreado pelos arbustos de *spirea*, ele dizia que não era vontade de Deus que as pessoas andassem de um lado para o outro em motas ou trenós. Ou que as enfermeiras vestissem calças. As enfermeiras não se importavam. Chamavam-lhe ‘bonitão’ e diziam-me que ele era um amor, um cavalheiro e um homem verdadeiramente religioso. Maravilhavam-se com o seu cabelo preto e basto, que manteve até à morte. Lavavam-lho e penteavam-no muito bem, ondulando-lho com os dedos.

Não obstante todas essas atenções, às vezes o meu pai sentia-se triste. Queria voltar para casa. Preocupava-se com as vacas, as cercas, perguntava-se quem iria levantar-se para acender o lume. Muito raramente, tinha acessos de mesquinhez. Uma vez eu entrei no quarto e ele deitou-me um olhar furtivo, hostil, e disse: “Admira-me como ainda não gastaste a pele dos joelhos.”

Eu ri-me. “A fazer o quê? Esfregar soalhos?”, perguntei.

“A rezar!”, respondeu, num tom viperino.

Ele não sabia com quem estava a falar.

Não me lembro de o cabelo da minha mãe alguma vez ter sido de outra cor que não branco. Ficou com ele branco ainda na casa dos vinte anos, e depressa perdeu qualquer vestígio do tom original, que era castanho. Eu costumava tentar que ela me dissesse que tom de castanho, exactamente.

“Escuro.”

“Como o do *Brent* ou o da *Dolly*?” Eram dois cavalos de trabalho que nós tínhamos, uma parelha.

“Não sei. Não era pêlo de cavalo.”

“Era cor de chocolate?”

“Mais ou menos.”

“Não ficou triste quando ele embranqueceu?”

“Não. Fiquei contente.”

“Porquê?”

“Fiquei contente por já não ter o cabelo igual ao do meu pai.”

O ódio é sempre um pecado, dizia-me a minha mãe. Nunca te esqueças. Um pingo de ódio na tua alma é o suficiente para descolorir tudo, como um pingo de tinta preta no leite. Eu fiquei impressionada com aquela imagem e tive vontade de fazer a experiência, mas sabia que não devia estragar leite.

Lembro-me de todas estas coisas. Coisas que me contaram a respeito de pessoas que nunca cheguei sequer a ver. Deram-me o nome de Euphemia, como a minha avó materna. Um nome terrível, que hoje em dia não se dá a ninguém. Em casa chamavam-me Phemie, mas quando comecei a trabalhar, quis que me tratassem por Fame¹. O meu marido, Dan Casey, chamava-me Fame. Uma vez, no bar do Shamrock Hotel, anos depois, já divorciada, um tipo perguntou-me, quando eu estava a sair: “Fame, tenho andado a querer perguntar-te uma coisa: tu és famosa por quê?”

“Não sei”, disse-lhe eu. “Não sei. Talvez por dar conversa a palermas como tu.”

Depois disso, pensei em adoptar um nome completamente diferente, algo como Joan, por exemplo. Mas, a menos que me mudasse para longe daqui, como poderia fazê-lo?

No Verão de 1947, tinha eu doze anos, ajudei a minha mãe a forrar a papel as paredes do quarto de baixo, o nosso quarto livre. Beryl, a irmã da minha mãe, vinha-nos visitar. Elas já não se viam havia anos. Pouco depois de a mãe delas ter morrido, o meu avô voltou a casar. Foi então viver para Minneapolis, e a seguir para Seattle, com a nova esposa e a filha mais nova, Beryl. A minha mãe não quis ir com eles. Permaneceu em Ramsay, onde até então tinham vivido. Ficou em casa de uns vizinhos, um casal sem filhos. Desde que eram adultas, ela e Beryl só se tinham encontrado uma ou duas vezes. Beryl morava na Califórnia.

O papel de parede tinha um padrão de centáureas sobre um fundo branco. A minha mãe comprara-o mais barato, por se tratar de um resto de lote. Por causa disso, tivemos problemas em alinhar o padrão, e por trás da porta tivemos de aldrabar um pouco, fazendo um remendo com tiras soltas. Nesse tempo ainda não havia papel autocolante. Montámos uma mesa de cavalete na sala da frente e, depois de misturar a cola, passávamo-la pelas costas do papel com umas trinchas largas, tendo cuidado em não deixar grumos. Trabalhámos com as janelas abertas, mas tapadas com redes, e com a porta da frente aberta, deixando fechada a porta mosquiteira. A paisagem que víamos através das redes e do velho vidro ondulado da janela era a de campos abrasadores e em flor — serralhas e cenoura-brava nos pastos, mostardeira a irromper pelo trevo, alguns campos aloirados pelo trigo mourisco que as pessoas semeavam. A minha mãe cantava. Cantou uma canção que, segundo disse, a sua mãe costumava cantar quando ela e Beryl eram pequenas.

*“Em tempos tive um amor, mas já não tenho.
Ele partiu, abandonou-me neste pranto.
Ele partiu, abandonou-me, mas não faz mal
Pois outro, bem melhor, hei-de arranjar!”*

Eu andava entusiasmada com a chegada da tia Beryl, uma visita vinda de tão longe, da Califórnia. E também porque no final de Junho fora à cidade fazer os exames e estava a contar ter sido aprovada com